

Solução exige trabalho em duas frentes

Apesar de o diagnóstico ser pouco otimista, a solução para o problema não é tão complicada, de acordo com os especialistas. "Há que se rever o funcionamento das bocas de lobo para que a água da rua não vá para as nascentes e é urgente que se faça uma recuperação da vegetação no local. É mais

fácil gastar menos prevenindo, porque a água é sempre prioridade, por isso é importante a educação ambiental", alertou a geógrafa Mara Moscoso.

Presidente do Instituto Brasília Ambiental, Gustavo Souto Maior reconhece que as nascentes estão ameaçadas, mas explica que os danos estão sen-

do minimizados com os parceiros do programa Adote um Parque. "Temos 69 parques e sozinho o governo não tem dinheiro para cuidar de todos. Com os parceiros, temos certeza de que a situação vai melhorar. Acredito que até o fim do ano o cenário seja outro no parque da Asa Sul", comentou.

O Ibram estima que existam mais de mil nascentes espalhadas pela cidade. Das 300 identificadas, 199 foram adotadas desde 2001, quando surgiu outro programa, o Adote uma Nascente. Cuidar de um olho d'água significa arcar com os custos da preservação e impedir a invasão dos 50m destinados à área de

preservação permanente (APP).

Souto Maior concorda, no entanto, que apenas com a recuperação dos parques e uma solução para a rede de drenagem do Plano Piloto haverá solução definitiva para a questão. Nesse sentido, espera que o programa Águas do DF, do governo local, engrene. A iniciativa prevê a am-

pliação da rede de drenagem, com o consequente aumento de captação das águas da chuva nos pontos críticos do DF, incluindo o Plano Piloto. Um empréstimo de R\$100 milhões de dólares já foi aprovado pela Comissão Andina de Fomento. Faltam ainda a aprovação do governo federal e do Senado.